



Banheiro feminino: buraco grande o suficiente para uma pessoa passar

O ponto final do abandono é no Setor O

Terminal Rodoviário em Ceilândia está com banheiros em condição deplorável. Usuários e comerciantes reclamam da falta de segurança

O banheiro feminino do Terminal Rodoviário do Setor O, em Ceilândia, é bem arejado com os dois buracos que ostenta em uma das paredes. O masculino não tem portas. Quem está no mictório pode ser visto nesta situação do lado de fora. Os problemas do terminal não param por aí. Frequentadores, comerciantes, motoristas e cobradores reclamam do abandono do lugar.

"Isso aqui não tem limpeza, nem segurança, não tem nada", indigna-se o comerciante Antônio Carlos Lima, 39 anos. Proprietário de uma das duas lanchonetes do terminal há oito anos, ele enumera as deficiências de seu local de trabalho. A começar pela luz, ou melhor, a falta dela. "Há 140 lâmpadas, mas só umas seis, sete funcionam", garante.

Ele mesmo repôs duas em frente a seu estabelecimento há pouco mais de duas semanas. O motivo: tentativa de arrombamento. "Tive que pagar do meu bolso as lâmpadas para iluminar minha lanchonete à noite e ver se assim os ladrões ficam um pouco intimidados", diz ele.

Por isso mesmo, o policiamento é outra providência pedida por Antônio Carlos. "A gente merece ter pelo menos um policial no terminal", acredita ele. Há apenas vigilantes de uma empresa de segurança, que não andam armados. "Se nos virem com armas, os marginais pegam na hora", admite um dos seguranças, que prefere não ser identificado.

A auxiliar de processamento de dados Luciana Sousa, 16 anos, também cobra mais policiamento. Ela passa pelo terminal pelo menos duas vezes por dia e reza para chegar bem na QNO 19, onde mora. "Agora com o horário de verão não tem muito problema porque ainda está claro. Mas logo logo o horário volta ao normal e o terminal fica no breu. Tenho medo de andar sozinha", afirma.

BANHEIROS

Ir ao banheiro no terminal rodoviário também não é nada agradável. O comerciante Antônio Carlos simplesmente se recusa a entrar ali. "Se quero ir ao banheiro, ligo para minha mulher me substituir na loja um minuto. Aí vou correndo em casa", conta o comerciante. A sujeira e a falta de portas são o que mais o incomoda.

O motorista de ônibus Antônio Miguel do Carmo, 38 anos, responsabiliza o sindicato dos Rodoviários pela má-conservação das instalações da estação. "Nós fomos abandonados. A categoria não tem direito sequer a um banheiro decente", acusa. A queixa, no entanto, nada tem a ver

com a entidade. O terminal está nos quadros da Secretaria de Transportes e do Departamento Metropolitano de Transportes (DMTU).

Os transtornos se repetem no banheiro feminino. Uma das paredes tem buracos grandes o suficiente para uma pessoa passar por eles. "Quando entrei aqui fiquei impressionada com o tamanho do rombo", diz Antônio Costa da Conceição, 21 anos. Moradores do Parque da Barragem, ela, o filho Breno, de um ano e sete meses, e a prima Andressa, de oito anos de idade, foram pela primeira vez ao terminal na manhã de ontem e não gostaram do que viram.

"É um desrespeito com as pessoas que utilizam o terminal. Ele está muito mal-conservado", constata Antônio, que acredita que o lugar poderia ser mais limpo. "A sujeira se espalha por todo canto", afirma.

CHUVA E GOTEIRAS

Como se não bastassem a sujeira, os banheiros depredados, a falta de luz e de segurança, os frequentadores

sofrem ainda com a chuva, como a que despencou em Ceilândia na manhã de ontem. Além do barulho ensurdecedor da água batendo das telhas de amianto, as goteiras se multiplicam. Acertam em cheio os bancos, os guichês das via-

ções, a cabeça dos mais distraídos.

"A gente corre para baixo da cobertura para se proteger, mas é a mesma coisa que nada. Molha do mesmo jeito", reclama a dona-de-casa Maria Aparecida Gomes, 36 anos. Moradora de Águas Lindas, cujo terminal rodoviário foi construído recentemente, ela nem compara as construções. "Coitado de quem vem todos os dias à estação do Setor O. Ela tá muito estragada".

O comerciante Antônio Carlos Lima é um dos "coitados". E sai ainda mais prejudicado pois afirma ter de pagar cerca de R\$ 240 mensais como taxa de manutenção. Sem contar o pagamento das contas de água e luz de seu estabelecimento, que paga separadamente. "A gente paga todos os meses, mas ver melhoria que é bom, nada", endurece.

O Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU) informa que ainda não existem planos definidos para possíveis mudanças no Terminal Rodoviário do Setor O. O coordenador da divisão de infra-estrutura do órgão — responsável pela manutenção de terminais e pontos — ainda não foi nomeado pelo novo governo, o que impede a definição de novas políticas para a área. Aos que utilizam os terminais de ônibus de todo o Distrito Federal, resta esperar.

"É UM DESRESPEITO COM AS PESSOAS QUE UTILIZAM O TERMINAL. ELE ESTÁ MUITO MAL-CONSERVADO. A SUJEIRA SE ESPALHA POR TODO CANTO."

Antônia da Conceição, usuária.